



FÉ NA CIÊNCIA: QUANDO O DISCURSO RELIGIOSO É PERMEADO PELO CIENTÍFICO

FAITH IN SCIENCE: WHEN THE RELIGIOUS DISCOURSE IS
PERMEATED BY THE SCIENTIFIC ONE

Rafael Prearo-Lima¹

Instituto Federal São Paulo (IFSP - campus Bragança Paulista).

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar como o discurso religioso invoca o discurso científico como fonte de verdade. Para isso, selecionamos como *corpus* de análise textos sob a formação discursiva “discurso dos evangélicos”. Sob o fundamento teórico-metodológico da AD francesa, observaremos como o discurso científico é usado para determinar o que está certo ou errado em um campo para o qual, em princípio, a ciência não é chamada. Os resultados demonstram que o discurso religioso usa o científico para se legitimar e, de certa forma, buscar novos seguidores.

Palavras-chave: Discurso religioso; Discurso científico; Campo discursivo; Análise do Discurso francesa

Abstract: The goal of this work is to analyze how the religious discourse invokes the scientific discourse as a source of truth. To do so, we have selected as our corpus of analysis texts under the discursive formation “discourse of the evangelical”. Under the French Discourse Analysis theoretical-methodological framework, we will notice how the scientific discourse is used to determine what is right or wrong in a field where science is not at first called upon. The results show that the religious discourse uses the scientific discourse to legitimate itself and, in a certain way, attract new followers.

Keywords: Religious discourse; Scientific discourse; Discursive field; French Discourse Analysis.

¹ Endereço eletrônico: rprearo@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao discorrer sobre possíveis abordagens dadas ao discurso e sua disseminação em diferentes sociedades, Foucault, em *A ordem do discurso*, parte da hipótese de que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8, 9).

Para Foucault, esses procedimentos estão relacionados a sistemas de exclusão que atingem o discurso: a interdição, a separação e a vontade de verdade, esta última usada como ferramenta para explicar o que é verdadeiro e o que é falso, de acordo com critérios arbitrários (im)postos pelas instituições. É essa vontade de verdade que exerce sobre os discursos não apenas pressão, mas também poder de coerção, determinando a prevalência de certos discursos sobre outros.

Ao se referir às leis e ao sistema penal, Foucault afirma que, a partir do século XIX, nem mesmo a palavra da lei poderia ser autorizada a não ser pelo discurso da verdade. Assim, semelhantemente às leis, outros discursos devem ser autorizados em sua própria conjunção histórica pelo discurso corrente aceito e reconhecido como o da verdade.

É possível afirmarmos que, hoje, esse discurso da verdade tem-se apoiado cada vez mais no campo científico, cujos discursos aparentam exercer, como mencionado, a pressão e o poder de coerção sobre outros discursos, visto que

na ciência encontramos modelos de verdade cuja formação releva das estruturas políticas que não se impõem do exterior ao sujeito de conhecimento mas que são, elas próprias, constitutivas do sujeito de conhecimento. (FOUCAULT, 2002, p. 27)

Esses modelos de verdade do campo científico sustentam não apenas os discursos de seu próprio campo, como também de outros. Não são poucos os exemplos de campos (o jurídico, o econômico, o esportivo, para citar alguns) que recorrem ao científico como forma de se legitimar. Foucault (1999, p. 18) explica que, na literatura ocidental, há uma busca por apoio no discurso da verdade, isto é, “no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também”, esta última possivelmente justificável pela ampla aceitação dos métodos de investigação e de experimentação intrínsecos às práticas do campo científico. São eles que atribuem aos saberes desse campo *status* de verdade.

É interessante notar que esses saberes do campo científico só são contestados por outros desse mesmo campo com, por exemplo, o surgimento de um novo paradigma (no sentido kuhniano). Mesmo que conhecimentos de

outros campos tentem se opor aos científicos, nem sempre são aceitos². Na verdade, outros campos é que recorrem ao científico para sustentar e legitimar seus próprios argumentos.

Vale ressaltar que, a respeito da noção de campo, recorremos a Bourdieu (2003, p. 119), para quem campos são “espaços estruturados de posições (ou de pontos) cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços e que podem ser analisadas independentemente das características dos seus ocupantes (em parte determinadas por elas)”. Esses espaços possuem leis de funcionamento invariantes mesmo em campos distintos, como o da filosofia, da religião e da política e, para que funcionem, é preciso que as entidades envolvidas concordem com as regras do campo em que se inserem e sejam dotadas do *habitus*³ relativo a ele.

Ao discorrer sobre o primado do interdiscurso, Maingueneau (2008b) entende o campo como discursivo, cada qual compreendido como um conjunto de formações discursivas que concorrem entre si e que são delimitadas reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo⁴. Os discursos são constituídos dentro desses campos conforme as características de cada um (o campo político, o campo religioso, o campo científico,...) e, para fins de análise, organizados em subgrupos de formações discursivas para a composição de um espaço discursivo, conforme julgamento do analista.

A partir dessas observações, decidimos investigar como discursos produzidos no campo religioso podem se valer de conhecimentos do campo científico para desenvolver sua argumentação e se constituir. Partindo dos conhecimentos teórico-metodológicos da AD francesa, analisaremos a materialidade textual de gêneros produzidos sob a formação discursiva⁵ “discurso dos evangélicos”⁶.

Para Bourdieu (1989, p. 69),

² Haja vista enunciados correntes como, “mas foi cientificamente comprovado que...”, usados quando algum saber científico é contestado a partir de outro campo. Dito de outro modo, não se contesta algo que “está cientificamente comprovado”.

³ Outro conceito de Bourdieu. Ao propô-lo, o sociólogo usa-o para “pôr em evidência as capacidades ‘criadoras’, activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, como em Chomsky – o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) (...) – mas sim o de um agente em acção (...)” (BOURDIEU, 1989, p. 61).

⁴ Maingueneau (2008b, p. 33) define universo discursivo como “(...) conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem em uma conjuntura dada”.

⁵ Formação discursiva enquanto unidade não tópica unifocal (cf. MAINGUENEAU, 2008a).

⁶ Usado aqui no sentido *lato*, dado que o termo “evangélicos” abrange um conjunto heterogêneo de crenças.

compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a *necessidade específica da crença que o sustenta*, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas [...]. (grifo nosso)

Ora, qual não é a crença que sustenta o campo religioso se não a própria crença dos sujeitos em Algo/Alguém superior? Em tese, dentro desse campo, os sujeitos desenvolvem e justificam seu *habitus* – incluindo sua produção discursiva – a partir de diferentes textos sagrados, acessados de acordo com suas próprias crenças: de forma genérica, o Alcorão para os muçulmanos, o Tripitaka para os budistas, a Bíblia para os cristãos e, dentro desse grupo, os evangélicos. É partir de textos sagrados (ou manuais equivalentes) que esses sujeitos justificam (ou deveriam justificar) suas crenças com base na fé.

No entanto, percebemos que, por vezes, a fé em Algo/Alguém superior, traço inerente ao campo religioso, não aparenta ser suficiente para justificar uma determinada crença. É necessária a autenticação concedida por um discurso da verdade que legitime essa crença. Nesse momento, então, é que o campo religioso recorre ao campo científico.

O objetivo deste trabalho é poder, então, analisar como o discurso dos evangélicos, parte do campo religioso, usa a ciência para determinar o que está certo ou errado em um campo para o qual, em princípio, a ciência não é chamada. Mais especificamente, observaremos como discursos sob essa formação discursiva recorrerem à ciência como autoridade para atestar a veracidade de relatos de passagens bíblicas.

1 ADÃO, EVA E O FENÓTIPO COR DE PELE

O primeiro exemplo é uma publicação pela página *Answers in Genesis* (Respostas em Gênesis), a partir de sua versão em português. A página, denominada como um ministério em apologética com o objetivo de capacitar cristãos, sobretudo os evangélicos, a defenderem sua fé, aborda e discute temas polêmicos, em especial relatos a partir do livro bíblico de Gênesis.

Em uma de suas publicações, intitulada “Adão + Eva = todos os tons de pele?”, questiona como é possível a existência de diferentes fenótipos cor de pele humana quando levado em conta o relato bíblico de Gênesis, capítulo 2, a respeito da criação de Adão e Eva. A polêmica discursiva nesse caso é a seguinte: se Deus criou a raça humana a partir de dois espécimes, como explicar a variedade de tons de pele existente hoje? Apresentaremos a seguir alguns trechos da publicação⁷ para saber como essa polêmica é abordada.

⁷ O texto original também dá uma explicação a partir de relatos bíblicos sobre como a população humana pós-dilúvio se espalhou pelo mundo. No entanto, interessa-nos somente a discussão sobre os diferentes fenótipos cor de pele.

[1] Aqui está a situação. A Bíblia ensina que há apenas uma raça—a raça humana—mas vários grupos de pessoas podem parecer muito diferentes. Como isso funciona?

Segundo a Bíblia, todas as pessoas — você, seus vizinhos, o cara que faz o seu café — vieram de Adão e Eva (Atos 17:26). O número de seres humanos diminuiu para os oito que foram poupados a bordo do barco gigante que chamamos Arca de Noé — quando Deus julgou a humanidade pecadora — e então nós viemos a partir daí (Gênesis 6–10). Então, como é que temos hoje tantos tons de pele diferentes? (ANSWERS IN GENESIS, 2016)

O ponto de partida nesse exemplo é o discurso religioso. Dentro da formação discursiva discurso dos evangélicos, a Bíblia é uma fonte legítima de verdade como guia de fé e no que se refere à busca de respostas. Isso é percebido no excerto [1] pelo tom de autoridade dado a ela quando é mencionado que “a Bíblia *ensina* que há apenas uma raça—a raça humana”. Na sequência argumentativa, a Bíblia serve como fonte de referência (“Segundo a Bíblia,...”) para explicar a descendência humana a partir de um ancestral em comum, Adão e Eva e, após o julgamento divino por meio do dilúvio, Noé. Para atestar essas informações, há a menção de trechos bíblicos (“Atos 17:26” e “Gênesis 6–10”).

Também é possível notarmos que, ainda que haja dúvidas a respeito do relato bíblico, as noções por ele apresentadas não são postas em xeque. Pelo contrário: as perguntas “como isso funciona?” e “como é que temos hoje tantos tons de pele diferentes?” produzem o efeito de sentido de que se concorda com o que a Bíblia afirma, mas que se gostaria de obter mais informações a respeito. Se as perguntas de fato questionassem a Bíblia, tida como fonte de discurso da verdade para evangélicos, elas deveriam ter um tom de contestação (por exemplo, “será que a Bíblia está certa ao afirmar isso?”).

O excerto [2] traz a explicação para as dúvidas levantadas no excerto [1].

[2] A cor da pele é governada por genes múltiplos e é bastante complexa, mas, por razões de simplicidade, suponha por um momento que há apenas dois. Genes vêm em pares de pares. Durante a reprodução, metade dos genes passados para os descendentes são provenientes de cada um dos pais. Para essa discussão, vamos atribuir as letras “A” e “B” para os genes que codificam para grandes quantidades de melanina—o pigmento de cor marrom na pele de todos. Também vamos usar as letras “a” e “b” para designar os genes para pequenas quantidades de melanina.

Em grupos de pessoas de pele muito escura, os indivíduos possuem genes AABB e só produzem descendentes de pele escura. Em grupos de pessoas de pele muito clara, os indivíduos possuem genes aabb e só produzem descendentes de pele clara.

Se um macho e uma fêmea de cada grupo se unem e produzem uma criança, a combinação de seus genes AABB e aabb e daria origem a uma criança que possui os genes AaBb para melanina e teria o tom de pele “marrom médio”. Agora, se duas pessoas que carregam os genes AaBb se casam e reproduzem, os seus filhos podem ter uma vasta gama de cores de pele. (ANSWERS IN GENESIS, 2016)

Vemos que a resposta à dúvida inicial não é dada dentro do campo religioso, mas do científico. Termos como “genes vêm em pares de pares”, “genes

AABB e aabb” e noções como a de características hereditárias são oriundos da genética, ramo da biologia direcionado ao estudo dos genes, e usados neste caso para explicar os diferentes fenótipos cor de pele humana. Como não faz parte do campo religioso esse tipo de conhecimento, acionou-se o campo científico.

É interessante notar que o excerto [2] poderia fazer parte de um artigo científico, da fala de um professor em uma aula universitária, de um capítulo de um livro didático, enfim, de diferentes gêneros do campo científico. Analisando-o isoladamente, não há nenhum traço que talvez pudesse caracterizá-lo como parte de um discurso de cunho religioso, como na verdade é.

Consideremos o excerto seguinte:

[3] Se Adão e Eva eram ambos marrom médio (AaBb), eles produziram crianças com uma ampla variação de tons. De repente, todos nós sendo uma só raça não parece tão complicado. (ANSWERS INGENESIS, 2016)

Esse trecho a retoma o discurso religioso por meio da menção a Adão e Eva. Indo além, percebemos que os conhecimentos da genética do excerto [2] são aplicados ao casal de Gênesis para explicar a existência de diferentes fenótipos cor de pele humana, confirmando, assim, que a Bíblia está correta, como inicialmente afirmado pelo “a Bíblia ensina que...” e atribuindo novamente a ela um tom de veracidade, também observável na conclusão desse texto:

[4] Então, qual é a conclusão fundamental? A Bíblia nos diz e a genética confirma que todos são descendentes de Adão e Eva. Não importa a cor da nossa pele, nós somos uma raça... mas isso também significa que somos todos pecadores, como nossos primeiros pais e todos necessitados do evangelho em Jesus Cristo. (ANSWERS INGENESIS, 2016)

Ao enunciar “a Bíblia nos diz e a genética confirma”, afirma-se que não há dissonância entre relato bíblico e a ciência: a ciência comprova o que está posto na Bíblia e ela mesma é legitimada pela ciência.

Por fim, o discurso científico é deixado de lado para dar novamente espaço ao religioso. No enunciado “isso também significa que somos todos pecadores, como nossos primeiros pais e todos necessitados do evangelho em Jesus Cristo”, observamos que a questão da genética já não é mais relevante, por já ter sido explicada, mas dá lugar a um apelo evangelístico. Ao discorrer sobre o discurso missionário da denominação batista, Bitencourt (2013) afirma que há nesse discurso uma semântica global que funciona a partir de certas teses, sendo uma delas a de que todo cristão é um evangelizador, caracterizando o sema /Evangelização/. *Mutatis mutandis*, o mesmo pode ser estendido aos cristãos evangélicos de modo geral.

2 A MULHER COM FLUXO DE SANGUE

Neste outro caso, analisaremos um trecho extraído de uma devocional intitulada “Hemorragia: a mulher que ouviu Jesus ao tocar-lhe nas vestes”,

baseada no texto bíblico de Marcos, capítulo 5, o qual relata o caso de uma mulher que tinha um fluxo de sangue há doze anos e que, ao tocar as roupas de Jesus em meio à multidão, é curada.

De forma geral, o gênero devocional costuma apresentar um versículo bíblico (ou um princípio que remeta interdiscursivamente a um) e, a partir dele, o autor desenvolve sua argumentação a fim de levar o leitor a uma autorreflexão a respeito de ideias e/ou atitudes a respeito de sua conduta segundo a moral cristã evangélica. Por ser produzido para direcionar um momento de meditação, não é incomum que, ao final, apresente uma aplicação prática do conteúdo desenvolvido e/ou alguns motivos para um momento de oração.

Esta devocional, capítulo de um livro direcionado a mulheres, é iniciada pela transcrição do texto bíblico mencionado, seguido de algumas considerações respeito da condição da mulher com fluxo de sangue e um relato pessoal da autora, base para nossa análise a seguir⁸.

[5] [...] Não sabemos qual terá sido a causa de sua hemorragia. O próprio doutor Lucas, em seu Evangelho, não a diagnosticou; somente afirmou que os médicos não a puderam curar (Lc. 8:43-48). Teria sido infecção uterina? Quem sabe, um tumor no útero ou no ovário? Mesmo os tumores benignos, como fibromas e quistos, podem provocar hemorragias. Ou, talvez, a sua doença estivesse no sangue, como uma leucemia ou uma diminuição de plaquetas, o que frequentemente causa sangramentos. Ou seria uma hemorragia disfuncional, originada por alterações hormonais? Qualquer dessas hipóteses poderia ter sido a causa daquele fluxo de sangue contínuo que, havia doze anos, minava a vida da pobre mulher.

Hoje, problemas como esses são diagnosticados e tratados sem delongas. Dependendo do caso, a administração de estrogênio e progesterona, ou simplesmente um complexo vitamínico, pode ser a solução. (ANDRADE, 2015, p. 130, 131)

Observamos que esse trecho apresenta sua argumentação de modo similar ao do campo científico, a saber, são levantadas hipóteses plausíveis para explicar a hemorragia da mulher conforme descrito no relato bíblico. A plausibilidade se dá pelo fato das condições mencionadas (tumor, infecção uterina, leucemia, hemorragia disfuncional etc.) já terem sido estudadas pelo campo científico e possíveis de serem diagnosticadas e investigadas por metodologias médico-científicas. Dito de outro modo, essas condições estão no plano material da cognição humana – e por isso são tangíveis – e não no plano espiritual, como aquilo que advém da fé. Se as mesmas hipóteses fossem feitas dentro do campo religioso, talvez especulassem, por exemplo, sobre possíveis pecados que a mulher cometera e que resultariam em sua condição física.

⁸ No trecho, a autora faz uma discussão de como a condição física dessa mulher era um impeditivo para ocupar certos espaços sociais e aplica isso ao papel da mulher nos dias de hoje. Por não apresentar características daquilo que buscamos analisar, isto é, de como o discurso religioso pode usar o científico como fonte de verdade, não consideraremos esse trecho.

Semelhantemente, o tratamento sugerido a mulheres com fluxo sanguíneo intenso são característicos do campo científico (tratamento hormonal) e não do religioso. Ainda que o relato bíblico descreva que a mulher com hemorragia tenha sido curada por um milagre (tocar nas roupas de Jesus), o texto não sugere como “tratamento” práticas relativas ao *habitus* do campo religioso: orar, ler a Bíblia, ir à igreja etc.

No excerto [6], a autora da devocional apresenta um relato pessoal:

[6] Cerca de oito anos atrás, eu mesma passei por um tratamento desses. Com o endométrio tomado de pólipos, eu menstruava intensamente, com um intervalo de apenas quinze dias entre uma menstruação e outra. A ginecologista prescreveu uma histerectomia e cheguei a fazer os exames de avaliação dos riscos cirúrgicos. Contudo, antes de marcar a cirurgia, senti que deveria ouvir uma segunda opinião médica. Fui a outra ginecologista ela receitou-me os tais medicamentos que suspendem a menstruação. Segundo ela, os pólipos eram alimentados pelo sangue e, na falta dele, murchariam e desapareceriam.

Graças a Deus, ela acertou no diagnóstico: um ano de tratamento foi o suficiente para não restar um único pólipo em meu útero, e a menstruação voltou ao fluxo normal. [...]

Bem, mas a personagem que entrou para Bíblia como “a mulher do fluxo de sangue” não contava com a ciência que hoje nos ampara. (ANDRADE, 2015, p. 131).

Nessa descrição de procedimentos médicos pelo qual a autora se submeteu, há novamente a ausência de uma descrição que pudesse ser caracterizada como parte do discurso religioso. Por exemplo, ela se sentiu espiritualmente abalada com sua condição física? Buscou ajuda espiritual para superar tudo o que ocorrera? Precisou orar para receber orientação divina?

O que se enfatiza efetivamente é o suporte encontrado na ciência como discurso da verdade, reforçado pela menção à mulher do fluxo de sangue, que “não contava com a ciência que hoje nos ampara”. Em outras palavras, nos dias de hoje, ela não precisaria de um milagre, já que ciência diagnosticaria seu caso e ofereceria algum tipo de tratamento. Ignora-se, assim, o relato do milagre realizado por Jesus a essa mulher, que seria amparada agora não mais pelo Cristo, mas pela ciência.

Convém notar que a autora dessa devocional é uma pessoa comum, isto é, não é médica ou cientista⁹. Isso é uma evidência não só de que discursos de diferentes campos se invadem mutuamente, mas também de que o discurso científico é de uso corrente, não se restringindo a indivíduos desse campo, tanto que se recorre a ele para compor um gênero tipicamente do discurso religioso.

⁹ Em ficha técnica publicada pela editora, autora é apresentada como “professora de crianças”. Disponível em: <<https://goo.gl/h5sbXx>>. Acesso em 13 out. 2017.

3 MOISÉS E A ABERTURA DO MAR VERMELHO

Esta última análise difere um pouco das anteriores no sentido de que, em vez de apresentarmos como o discurso religioso usa o discurso científico para se sustentar, observaremos um caso em que se explica um *conteúdo* de cunho religioso a partir do discurso científico. A diferença, neste caso, está no fato de que servirá de base para a análise um texto jornalístico (uma notícia), e não um gênero do discurso religioso, como feito anteriormente. Esse exemplo nos interessa por, novamente, ser possível observarmos o fenômeno discursivo de como uma crença religiosa utiliza o discurso científico como modelo de verdade.

O texto selecionado foi publicado pelo *site* Gospel Prime, página de notícias direcionada ao público evangélico¹⁰. Nele, o autor toma como base uma publicação do jornal *The Washington Post*¹¹ a respeito da abertura do Mar Vermelho por Moisés, conforme episódio bíblico descrito no livro de Êxodo, capítulo 14, que é cientificamente explicada por Carl Drews, engenheiro do Centro Nacional de Pesquisa Atmosférica dos EUA. A pesquisa de Drews, que é cristão, é resumida da seguinte forma:

[7] As simulações no computador indicam que um forte vento vindo do leste poderia fazer a água retroceder até duas bacias antigas, formando uma espécie de curva ao longo do Mediterrâneo. Isso criou uma “ponte de terra” medindo cerca de 4 km de comprimento por 5 km de largura.

Espaço suficiente para o povo liderado por Moisés passar. “As simulações encaixam bem com o que está relatado em Êxodo”, esclarece o pesquisador. Segundo ele, Moisés teve cerca de 4 horas para conduzir o povo até o outro lado. [...]

No centro da proposta de Drews está a reconstrução da geografia do local na época do Êxodo. Ele aponta a maior probabilidade que um vento de 100 km por hora, soprando por 12 horas, poderia “encanar” numa faixa com pouco mais de dois metros de profundidade. Tudo baseado na “dinâmica de fluídos”, área de física essencial nos estudos sobre furacões. Assim que o vento parasse de soprar, as águas rapidamente voltariam a seu estado original. [...]

Ele e sua equipe montaram um modelo que reproduz a dinâmica dos ventos na região do canal de Suez e no Delta Oriental do rio Nilo. Isso não mudou tanto com o passar do tempo. Há um relato de um fenômeno similar no ano de 1882, na mesma região. (ARAGÃO, 2014)

A notícia enfatiza não a abertura miraculosa do Mar Vermelho como um ato de intervenção divina, mas como um acontecimento de ordem natural e

¹⁰ Como afirmado pela organização da página: “O Portal cristão Gospel Prime nasceu em dezembro de 2008, com o objetivo de informar aos interessados tudo o que acontece no universo evangélico, independentemente da denominação.” Disponível em: <www.gospelprime.com.br/quem-somos/>. Acesso em 13 out. 2017.

¹¹ Disponível em: <www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2014/12/08/no-really-there-is-a-scientific-explanation-for-the-parting-of-the-red-sea-in-exodus/?utm_term=.28da37376b0c>. Acesso em: 30 out. 2017.

possível de ser reproduzido (“as simulações no computador indicam...”; “as simulações encaixam bem com o que está relatado em Êxodo.”). Nessas simulações, foram observadas formas possíveis (e não sobrenaturais) pelas quais o mar poderia ter sido aberto (“um forte vento vindo do leste poderia fazer a água retroceder até duas bacias antigas”; “um vento de 100 km por hora, soprando por 12 horas, poderia ‘encanar’ numa faixa com pouco mais de dois metros de profundidade.”; “isso criou uma ‘ponte de terra’ medindo cerca de 4 km de comprimento por 5 km de largura.”). A tese de que determinadas condições meteorológicas poderiam ser as responsáveis pelo milagre da narrativa bíblica é sustentada a partir de um acontecimento em 1882 na mesma região e que não poderia ser contestado por já ter sido observado, ainda que a partir de relatos.

Convém fazermos duas considerações. Primeiramente, observarmos que o trabalho de Carl Drews é associado a uma área de conhecimento da ciência (“... ‘dinâmica de fluídos’, área de física essencial nos estudos sobre furacões”), o que confere veracidade ao estudo. Assim, quando é dito que foram feitas simulações de computador, pressupõe-se que não se trata de mera especulação tecnológica, como em um jogo em que é possível “fazer o mar abrir” da mesma forma que se faz “uma personagem voar pela tela”. Pelo contrário, por estarem associados à Física, os experimentos desse estudo podem ser testados, reproduzidos e confirmados por estudiosos da área.

Em segundo lugar, esse tom de veracidade serve como comprovação para o acontecimento bíblico (posto que a travessia do Mar Vermelho é dada como fato por essa notícia). Isso é notado no excerto [8], no qual a notícia apresenta o relato bíblico em uma relação paralela ao experimento científico desenvolvido.

[8] Ao mesmo tempo, ele segue o relato do texto bíblico de Êxodo 14:21 “Então Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor afastou o mar e o tornou em terra seca, com um forte vento oriental que soprou toda aquela noite”. Sua intenção não é negar a intervenção divina, mas tentar explicar como ela aconteceu. [...] Para o pesquisador, “Fé e ciência podem ser compatíveis se você estiver disposto a considerar outras interpretações do texto, outras ideias de como as coisas poderiam ter acontecido”. (ARAGÃO, 2014)

Por fim, ao reproduzir a fala de Carl Drews, a notícia apresenta compatibilidade entre fé e ciência (“Fé e ciência podem ser compatíveis...”) dentro de um campo (religioso) em que, teoricamente, a narrativa bíblica deveria se sobrepor à experimentação científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As breves análises apresentadas demonstraram como o discurso religioso pode recorrer ao científico para se sustentar. Ora, se é característico do campo religioso um conjunto de ações (*habitus*, segundo Bourdieu) com base na fé, e, se a fé é convicção daquilo que se espera, mas não se vê, por que então essa

recorrência ao campo científico para (com)provar aquilo que deveria ser apenas aceito?

Uma possível explicação pode estar no fato de que o discurso científico não só é (re)corrente na produção discursiva da pós-modernidade, como também a ele é atribuído *status* de verdade. Nesse sentido, o discurso científico é a vontade de verdade (FOUCAULT, 1999) usada pelo discurso religioso como meio para se legitimar. Na Antiguidade, a fé era usada para explicar aquilo que não podia ser explicado, imputando ao Divino a responsabilidade dos acontecimentos tidos como sobrenaturais. Hoje, a Ciência é o meio pelo qual se pode validar (ou refutar) crenças.

Esse fenômeno não se restringe, no entanto, ao discurso dos evangélicos, objeto de interesse deste trabalho, mas é recorrente no campo religioso, por exemplo, na prática católica de canonização, em que é necessária a constatação (científica) de dois milagres póstumos atribuídos a alguém para torná-lo(a) santo(a). Nesses casos, o discurso científico é a vontade de verdade que explica o que é verdadeiro e o que é falso, que determina a prevalência de certos discursos sobre outros e os autoriza.

Retomando as análises, o discurso científico, o qual não é chamado em princípio para compor o discurso religioso, é acionado para autorizá-lo a dizer que, (1) com base Biologia (especificamente, na Genética), Adão e Eva podem ter existido; (2) a partir da Medicina, a mulher com fluxo de sangue provavelmente sofria de algum problema de disfunção hormonal; (3) baseado nos estudos de dinâmica de fluídos oriundos da Física, o Mar Vermelho pode ter sido aberto mediante certas condições meteorológicas.

Segundo Bourdieu,

por maior que seja a autonomia do campo, as possibilidades de sucesso das estratégias de conservação e de subversão dependem sempre, em parte, dos reforços que um ou outro campo pode encontrar em forças externas (por exemplo, novas clientelas). (BOURDIEU, 1996, p. 264, 265).

Assim, é razoável concluirmos que o discurso religioso pode recorrer ao discurso científico como forma de atingir, nas palavras de Bourdieu, “novas clientelas”, isto é, novos seguidores dispostos a seguir uma crença X ou Y. Os conhecimentos do campo científico servem, então, como uma força externa que reforça as bases do campo religioso e que, por fim, funcionam como estratégia de conservação deste último.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marta Doreto de. Hemorrágica: a mulher que ouviu Jesus ao tocar-lhe nas vestes. In: _____. *Mulheres que ouviram a voz de Deus: reconhecendo e discernindo o chamado do Senhor*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 129-138.

ANSWERS IN GENESIS. Adão + Eva = todos os tons de pele?. 2016. Disponível em: [https://answersingenesis.org/pt/respostas/adao-eva-todos-os-tons-de-pele/]. Acesso em 11 out. 2017.

ARAGÃO, Jarbas. Estudo oferece explicação científica para a divisão do Mar Vermelho. *Gospel Prime*. 12/12/2014. Disponível em: [https://noticias.gospelprime.com.br/estudo-moisés-mar-vermelho-ciência/]. Acesso em 30 out. 2017.

BITENCOURT, Daiane Rodrigues de Oliveira. *A salvação do mundo na igreja Batista: sobre o funcionamento do discurso missionário no final do século XX e início do século XXI*. 2015. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: *Questões de sociologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim do século, 2003. p. 119-126.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. A gênese dos conceitos de *habitus* e campo. Trad. Fernando Tomaz. In: _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. 3. Ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 03 de novembro de 2017.

Aprovado em sistema duplo cego em: 10 de março de 2018.